

QUEM SOLTOU A BICHARADA? LUIZ EDMUNDO E O INÍCIO DO JOGO DO BICHO

Felipe Santos Magalhães
Doutor em História Social Pela UFRJ

Em sua obra *O Rio de Janeiro do meu tempo*, o memorialista e cronista Luiz Edmundo destinou um capítulo para o jogo do bicho. Em “jogadores e jogatinas” acabou construindo aquele que possivelmente é o primeiro trabalho memorialístico sobre esta loteria. Talvez mais importante do que assinalar um possível pioneirismo de Edmundo, seja refletir sobre a importância de “jogadores e jogatinas” sobre uma série de publicações acerca do jogo do bicho. Neste sentido, tanto obras acadêmicas como não-acadêmicas se utilizaram indiscriminadamente dos relatos do memorialista. Muita vez, sem ser devidamente citado, o texto de Edmundo foi explorado para se (re)contar a história do jogo do bicho no seu momento original, ou seja, no Jardim zoológico. Decerto que as imprecisões contidas em *O Rio de Janeiro do meu tempo*, sobre o bicho, acabaram sendo transformadas em verdades ou em fatos consumados, através do exercício da repetição.

Esta comunicação tem o objetivo de refletir sobre os sentidos criados por Luiz Edmundo para o jogo do bicho e alguns personagens com ele envolvidos. Em linhas gerais poderia iniciar dizendo que “jogadores e jogatinas” acaba seguindo as características e a estrutura da obra em geral. Entre ambigüidades, ataques aos estrangeiros, defesa dos elementos nacionais e do progresso, Edmundo construiu sua narrativa sobre o jogo.

Para contar como o jogo do bicho foi criado e introduzido no Rio de Janeiro, Luiz Edmundo recuou até o momento da fundação da cidade. Numa breve incursão à história dos jogos de azar, o memorialista conta que os soldados de Estácio de Sá quando desceram à terra conquistada já traziam escondidos seus baralhos nas virilhas¹. Posteriormente, a Metrôpole teria se tornado promotora de tais práticas. Em 1606, o Real Estanco começaria a imprimir baralhos e em 1806, a Tipografia Real de Lisboa, publicaria *Academia de Jogos*, para o espanto e a admiração de Edmundo. Até que em 1811, seria

anexada “aos prelos da Imprensa Régia do Rio de Janeiro, a Real Fábrica de Cartas de Jogar!”²

Mesmo sendo estimulado pela metrópole, no entender de Edmundo, os cariocas não teriam adquirido muito gosto pelos jogos de azar. Tais jogos seriam praticados aqui como uma inocente brincadeira, cujo principal intuito seria o de aproximar as famílias e os amigos com um divertido passatempo. Edmundo oferece um caráter lúdico para dar sentido à relação entre os cariocas e os jogos de azar. Sua descrição é quase pueril, namorados aproveitando-se da proximidade das pernas, famílias aconchegando-se sob a luz amiga, reuniões honestas para se passar o tempo, enfim, sentimentos que logo seriam postos à prova. Assim a cidade teria seguido seu caminho, sem conhecer jogadores profissionais, até

os fins do século XIX, mal pensando que dentro de pouco tempo teríamos que ver tornada esta beatífica e risonha cidade em um autêntico principado de Mônaco, *Maelstrom* de **vício, de inquietação e de loucura, onde presa do mais vivo frenesi, toda a população alucinada jogava** – do presidente da República ao mais obscuro criado de servir, de envolta com sacerdotes, pais de família, educadores, juízes, senhoras e até crianças! Foi preciso para que esse **delírio** se mostrasse, que aqui nascesse o chamado “jogo-do-bicho” (grifos meus)³.

Mas, quem teria libertado os bichos? Como uma cidade virtuosa, pôde ser levada ao vício dos jogos de azar de forma tão intensa e cruel? Afinal, quem corrompeu a cidade menina de Edmundo? A resposta mais apressada, faria com que a culpa recaísse sobre os ombros do criador do Jardim zoológico, o Barão de Drummond. Entretanto, Luiz Edmundo sempre pode provocar alguma surpresa.

O Barão de Drummond por ser o principal responsável pela criação e organização da Companhia do Jardim Zoológico, mereceu o título de fundador do parque. Contudo, na tentativa de desvincular a figura de Drummond do jogo do bicho, Edmundo tentou imprimir novos sentidos ao empresário e à loteria.

Neste sentido, Luiz Edmundo ao “restabelecer a verdade” sobre a criação do jogo do bicho no Jardim zoológico afirma que o jogo não teria saído da cabeça de Drummond. Ao perder a subvenção anual, seu único intento seria conseguir arrumar outra fonte de renda para livrar os animais da inanição⁴.

Se alguma “culpa” caberia ao Barão esta seria a de tentar dotar a cidade de um empreendimento de **utilidade pública**. O primeiro sentido atribuído ao personagem Drummond é o do homem dotado de elevado espírito público, preocupado com o embelezamento paisagístico e o engrandecimento cultural da Capital Federal, buscando aproximá-la das mais importantes e modernas metrópoles européias. Para a construção de tal estabelecimento, teria usado terrenos de sua propriedade, além de ter investido honestamente todo o dinheiro recebido para a aquisição de fauna estrangeira⁵.

A propósito, a origem do jogo do bicho, na narrativa do nosso memorialista, está ligada ao fato da subvenção anual ter sido, supostamente, cortada. Seguindo a narrativa de Luiz Edmundo o elemento facilitador para a introdução do jogo do bicho na sociedade carioca teria sido o fato do governo republicano ter negado o auxílio dos cofres públicos para a manutenção e o bem-estar dos animais do Jardim.

A alegação para tal ato seria a amizade entre D. Pedro II, o imperador deposto meses antes, e o Barão de Drummond. Esta suposta perseguição sofrida pelo barão poderia ser uma referência às perseguições sofridas por aqueles que explicitamente mantinham relações próximas com o regime anterior ou com suas principais figuras. Assim, o corte da subvenção teria implicitamente um caráter de vingança, sentimento que não permitiria enxergar os benefícios que um empreendimento como o do Jardim zoológico poderia trazer para a capital federal.

Neste ponto pode-se pensar num dos culpados: a política. Em *O Rio de Janeiro do meu tempo* um dos males impeditivos para o progresso do Brasil seria o mundo da política. Ao caracterizar este espaço como propício para ações cujos interesses estariam balizados por critérios vis, no qual as decisões apontariam menos para a realização de objetivos coletivos do que para a satisfação de desejos particulares, Edmundo percebe a política ou, pelo menos, a prática política experimentada por ele, como algo responsável pela posição inferior do Brasil no cenário internacional se comparado às grandes nações européias.

Seguindo nesta trilha, chegamos àquele que poderia ser apontado como mais um “culpado”, o mexicano Manuel Ismael Zevada. Nosso memorialista conta que o final da

subvenção teria desencadeado uma grave crise no Jardim zoológico. Em meio aos problemas financeiros vividos pelo parque do Barão, eis que teria aparecido diante dele Zevada, com a idéia da criação do jogo dos bichos. O futuro gerente da Companhia do Jardim Zoológico, já teria bancado o **jogo das flores** na Rua do Ouvidor.

A “aparição” de Zevada diante do Barão teria ocorrido exatamente no meio desta “crise muito séria”⁶. Com ele trazia a idéia de transpor o jogo das flores para o jogo dos animais. Ao “restabelecer a verdade dos fatos” o cronista busca desfazer a idéia de que a invenção de tal vício teria sido obra de Drummond.

Em sua narrativa, o Barão e o estrangeiro Zevada teriam um papel de destaque no início do jogo do bicho. Contudo, os sentidos atribuídos a cada um dos personagens são bastante diferentes. Drummond seria um homem de elevado espírito público, preocupado em servir sua cidade. Para Edmundo, um empreendimento como o Jardim zoológico seria mais um elemento capaz de trazer de civilização e progresso para a Capital Federal. Tanto o parque como o jogo dos bichos, seriam uma fonte de diversão para o barão. Ele mesmo seria o encarregado de escolher o bicho do dia, e os apostadores, sabedores deste fato, corriam atrás de Drummond em busca de palpites. O Jardim zoológico seria um motivo de diversão para o Barão. Ver toda aquela gente passar pelos portões do parque seria um motivo de felicidade, não pelo dinheiro arrecadado em si, mas pelo fato de poder manter seu estabelecimento aberto, oferecendo diversão e conhecimento para a cidade. Edmundo se esforçou em ressaltar o caráter lúdico de Drummond.

Por outro lado, o interesse nos lucros auferidos pela Companhia seria uma característica de Zevada. Este teria como principal interesse ganhar dinheiro através do jogo. Edmundo conta que em três meses o jogo dos bichos já oferecia grandes lucros, sendo que em apenas um domingo teriam sido vendidos cerca de 80 contos de réis em entradas. Numa de suas ironias o memorialista afirma que “o que a Zevada não dera, em ganhos, a botânica, começava a lhe dar a zoologia.”⁷

As características atribuídas pelo cronista ao Barão e à sua empresa vêm reforçar a idéia de que seus objetivos estavam apenas voltados para a promoção dos interesses

públicos. Em primeiro lugar, Edmundo fez questão de negar categoricamente que a criação do jogo do bicho tenha sido obra exclusiva de Drummond. Nas palavras de Edmundo, a idéia da exploração de uma loteria envolvendo os nomes e as imagens de animais teria partido do mexicano Manuel Ismael Zevada. Tendo achado boa a proposta e talvez como uma das poucas chances de salvar o Jardim zoológico da falência, os animais da morte e a cidade da perda de um “estabelecimento de utilidade pública”, Drummond se viu compelido a acatar a idéia.

Em nenhum momento a figura do Barão é confundida com a de um capitalista ou com a de um empresário. Todos os sentidos da ação de Drummond para Luiz Edmundo estavam calcados apenas no pleno interesse público, tanto que teria aberto mão de “terrenos de sua propriedade”, para ali instalar um empreendimento de “utilidade pública”.

Em contrapartida, o mexicano Zevada surge como o estrangeiro interessado apenas no seu próprio benefício, vendo no Jardim zoológico e na loteria oferecida por ele ao Barão, que o fez seu sócio, apenas uma forma de ganhar dinheiro, de auferir algum lucro. Para Edmundo, enquanto o Barão “divertia-se” em função dos insistentes pedidos de palpites feitos pelos visitantes do parque “o Zevada ia espiar a féria”⁸.

É como se o interesse em lucrar com o empreendimento fosse exclusivo do estrangeiro Zevada, deixando a figura do Barão incólume. E, além disto, parece que a féria do dia no jardim era proveniente apenas do arrecadado com os bilhetes vendidos, não da série de jogos lícitos, divertimentos e atrativos explorados pelo Barão e seus sócios.

Talvez seja importante, neste momento, voltarmos a falar do Barão de Drummond. Ele se notabilizou através do seu espírito empreendedor e de seus diversos negócios. Contudo, Edmundo em nenhum momento de sua narrativa faz menção a estes aspectos do seu caráter, apesar dele ter sido capaz de articular uma imensa rede de empreendimentos e de sociedades, inclusive algumas voltadas para o nascente mercado das diversões, dentro do mais puro espírito capitalista; Zevada não teria atributos tão nobres quanto os do barão.

Não é possível deixar de pensar no sentimento anti-estrangeiro existente em alguns segmentos da sociedade carioca no momento entre o fim do século XIX e o início do XX. A

idéia do elemento estrangeiro como pernicioso à sociedade brasileira, elemento que teve sua introdução facilitada graças ao trabalho e empenho dos republicanos que os recrutavam em diversas partes do mundo como forma de substituir a mão-de-obra nativa, ou se quiser, brasileira.

É importante destacar que na narrativa de Edmundo, o jogo do bicho teria uma origem específica. Sua criação só foi possível graças à crise vivida pelo Jardim zoológico e à aparição do mexicano Zevada. No entanto, esta loteria foi introduzida no mesmo momento em que a Companhia passava a explorar vários tipos de diversão, inclusive jogos lícitos. Ao separar o jogo do bicho de todo este processo, o memorialista tenta criar um mito de origem para a própria loteria, considerada por ele negativa para o país, e identificar os responsáveis pela sua introdução, a política e os estrangeiros.

A estes dois atores deve-se ainda acrescentar um terceiro, o responsável por oferecer tanta popularidade à loteria dos animais, a população do Rio de Janeiro. A “diversão ingênua” teria sido pervertida em função do desejo de lucro fácil. Se de um lado, Edmundo acusa os cariocas de terem desvirtuado a idéia do Barão, por outro, estes apostadores surgem como vítimas deste processo, chamado de delírio, pelo memorialista.

Se o parque de animais teria nascido do espírito público de Drummond, preocupado em gerar diversão e conhecimento para o povo da capital do império, o jogo do bicho teria características semelhantes. O mito da sua criação, em Edmundo, estaria ligado ao desejo desinteressado do Barão de manter o Jardim zoológico em funcionamento, preocupado apenas em contribuir para a civilização e o progresso do Brasil.

Em primeiro lugar é necessário deixar claro que o jogo do bicho no entender de Edmundo tem o sentido de um marco delimitador dentro da própria história da cidade do Rio de Janeiro. Até o surgimento da loteria dos animais “pouca gente jogava”⁹ e jogadores profissionais só existiriam como um “vago personagem de romances e apenas concebido pelas imaginações mais ou menos irrequietas e abrasadas”¹⁰. E desta forma pacata, livre do vício do jogo teria vivido a cidade.

Assim, o jogo do bicho na ótica de Luiz Edmundo assume a condição de transformador do aspecto da cidade do Rio de Janeiro. A aparição de Zevada com a idéia de se levar o jogo das flores para o zoológico marcaria o destino da cidade. A imagem criada pelo cronista ganha tons dramáticos. Há uma divisão clara proposta, entre a cidade antes do advento do jogo do bicho e após a sua criação. As palavras escolhidas pelo cronista emprestam uma grande dramaticidade ao momento. A cidade “beatífica e risonha”, tal qual uma menina bem educada da corte, pura e ingênua, de um momento para o outro foi tomada por um sentimento de vício e loucura, como se tivesse sido violada na sua pureza e impelida a assumir alguns sentimentos que não seriam condizentes com a sua essência. Nesta direção, os dois principais responsáveis por esta alteração do caráter da cidade, teriam sido o estrangeiro Zevada e o pouco espírito público dos administradores da cidade.

O jogo do bicho, na narrativa de Edmundo, pode ser entendido como uma metáfora do próprio país. O Barão de Drummond encarnaria a figura do homem público, preocupado em “civilizar” a cidade do Rio de Janeiro, oferecendo a ela um espaço de lazer e de cultura. Seria um homem comparável a Passos, não pelas obras realizadas, mas pelo espírito. Assim como o “gênio reformador da cidade”¹¹, colocaria suas ambições pessoais abaixo dos interesses públicos.

A idéia da implantação de um Jardim zoológico na Capital Federal representaria um projeto de modernização do espaço público, “imprescindível numa cidade de certa cultura e importância”¹², como comenta Edmundo. Os argumentos do Comendador Drummond para convencer os procuradores da Intendência Municipal apontam nesta direção, assim como os pareceres laudatórios da iniciativa.

Este “projeto civilizador” teria sido suplantado em função de outros interesses que não os da coletividade. Em primeiro lugar, por uma questão de vingança, a subvenção anual teria sido retirada do orçamento; segundo, o mexicano Zevada estaria preocupado em lucrar com a jogatina; e por último, o povo que além de desvirtuar a generosa idéia do barão, ainda teria relegado o Jardim ao mais completo abandono após a proibição do sorteio dos bichos.

Os fatores determinantes para o processo de falência deste “projeto civilizador”, simbolizado pelo Jardim do barão, teriam sido contornados por Pereira Passos no seu trabalho de transformar a “cidade-pocilga em Éden Maravilhoso”¹³. Com a política não se preocuparia, pois havia recebido poderes discricionários para governar; segundo Edmundo, exigência do próprio. Assim, não precisaria ceder a nenhum tipo de interesse pessoal. Guiado apenas pelo interesse público, mesmo que o público não entendesse muito bem as intenções do prefeito, teria Passos levado à cabo sua “obra de titã”¹⁴.

Deste modo, o surgimento do jogo do bicho e o seu rápido crescimento, seriam a própria falência do projeto que desejaria transformar a cidade, ou pelo menos, apontar para a transformação. Assim, esta loteria seria mais um resquício dos tempos coloniais, mais uma marca da morrinha colonial que segundo o memorialista barrava a expansão da cidade. O jogo do bicho estaria ligado ao passado, enquanto o Jardim zoológico seria uma ponte para a modernidade. Quando os bichos se tornaram maiores que o parque que os aprisionava e de lá saíram em debandada isto teria marcado a vitória do vício sobre a virtude, da jogatina sobre o lazer, do atraso sobre o progresso, da desordem sobre a ordem, da pocilga sobre o Éden, da morrinha sobre o perfume francês.

¹ EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. 2ª. ed. (1ª. ed., 1937)Rio de Janeiro: Conquista, 1957. (5 vol.).

² *Ibidem*.

³ *Ibidem*.

⁴ Idem, pp 864-865.

⁵ *Ibidem*.

⁶ Idem, pp 864-865.

⁷ Idem, pp 866-867.

⁸ Idem, p. 870.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ Idem, p. 24.

¹² Idem, p. 865.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ Idem, p. 41.